



### Destaque Semanal

#### Pan-Africanism

Pan-Africanism refers to the conviction that all Africans and descendants of Africans in the diaspora share a common history, common interests and, ultimately, a common fate which thus(...)

**Jihan El-Tahri**

## Cuidado

Teresa Cunha, Luísa de Pinho Valle, Cristina del Villar-Toribio

Publicado em 2019-05-10

Cuidar é pensar-agir descentrando-se de si; é prestar atenção; é solicitude; é desvelo; é preocupação e inquietação pelo bem-estar de outrem; é afeição vital pelos bens comuns; é sentir com e é querer sentir com; é uma forma profunda de partilhar a responsabilidade pela vida em todas as suas formas. O cuidado é, pois, o corazonar que permite que a vida não apenas emergja e se mantenha, mas que possa ser vivida em toda a sua abundância. Como reflecte Patricio Arias em *el Corazonar no hay centro, por el contrario, lo que busca es descentrar, desplazar, fracturar (...)* [E] *Co-Razonar la nutre de afectividad, a fin de de-colonizar el carácter perverso, conquistador y colonial que históricamente ha tenido* (Guerrero Arias, 2010: 11). No nosso entendimento, o cuidado não é apenas uma questão social nem diz respeito somente à domesticidade. Há nele dimensões ontológicas, sociais e epistemológicas que devem ser pensadas e reflectidas.

#### Dimensão ontológica do cuidado

Na filosofia do uBuntu da África subsaariana a dimensão constitutiva ontológica do cuidado transparece, de imediato, na tradução mais conhecida do seu conceito central: eu sou, porque nós somos. Não se trata apenas de uma conexão social entre o ser que cada pessoa é e a sua interdependência com a comunidade que habita. É bastante mais do que isso; é a afirmação de que, sem cuidar e ser cuidada, a pessoa, prescinde da sua humanidade. Aliás, isso torna-se ainda mais claro quando ao uBuntu é atribuído o sentido primordial da transcendência em três sentidos: sair de si em direção à sua ancestralidade; sair de si em direção à comunidade e, finalmente transcender-se a si mesma/o em direção às potencialidades que cada uma e cada um de nós tem (Cornell, 2009: 47). O uBuntu pode, assim, ser considerado uma ontologia do cuidado na qual a constituição e a existência como ser e pessoa é profundamente articulada nessa interdependência que recria

um mundo onde todas e todos têm lugar e dignidade. A partir de um outro lugar do mundo, a Índia, consideramos que a ideia de *ahimsa*, que no sânscrito significa a ausência de desejo de matar e que é comumente traduzida por não-violência anuncia, também ela, um enunciado ontológico do cuidado. Ela significa a renúncia expressa a qualquer tipo de dano infligido e a escolha pela preservação incondicional de todos os seres e isso é, segundo Mahatma Gandhi, a oposição à vontade do tirano. Neste sentido, a dimensão ontológica do cuidado é tanto as condições da existência do ser como uma ferramenta para a acção de ser: é o presente e o porvir da vitalidade do ser.

### **Dimensão social do cuidado**

Entendemos que a existência não é pura transparência nem abstracta. Ao contrário é enraizada, é concreta mesmo que invisível aos nossos olhos. Neste sentido, o cuidado tem dimensões sociais que não podem ser descartadas e às quais queremos agora prestar a nossa atenção. Referimos duas principais, a nosso ver: o cuidado da terra-mãe à qual todas e todos pertencemos e o cuidado como garantia de produção incessante da vida.

Leonardo Boff afirma que o cuidado é a prática capaz de salvaguardar a Terra como organismo vivo e complexo e de garantir aos seres humanos e não-humanos a partilha e a convivência nesta Casa comum. Assim o cuidado diz respeito a todas as relações sociais que protegem e criam vida. Para tal, se privilegiam as sociabilidades cooperativas, solidárias e que têm, no seu centro, a complementaridade e reciprocidades não simétricas. Neste sentido, as mulheres que secularmente têm assumido tantas tarefas de cuidado têm vindo a realizar este *ethos* pró-comunal. Este social inscrito na realização desse cuidado levado a cabo por mulheres de todos os lugares do planeta é radicalmente potente pois concebe as relações sociais a partir de uma lógica e de uma racionalidade outras. Por outro lado as ecofeministas (Herrero *et al.*, 2018) apontam práticas transformadoras que fornecem uma visão da cultura do cuidado como inspiração central para pensar uma sociedade ecológica e socialmente responsável e justa.

Queremos precisar que não partilhamos de uma visão essencialista que equaliza mulher e natureza ou que defende a natural vocação das mulheres para o cuidado. Ao contrário, defendemos que as construções sociais do trabalho e do cuidado têm conduzido àquilo que Amaia Perez Orozco designa de uma ética reacionária do cuidado (2017). Essa forma de entender o cuidado inferioriza, desqualifica, estigmatiza e oprime todo trabalho que passa a ser considerado residual e improdutivo e que é, maioritariamente, realizado por mulheres.

Contudo queremos colocar em evidência que a subalternização das tarefas do cuidado não implica, do nosso ponto de vista, a falta de agência das mulheres que se mantêm nesse espaço de sociabilidades. Permanecer, ao invés, pressupõe, para muitas delas, a articulação de estratégias de resistências e de subversão. Uma das consequências mais valiosas deste modo de resistência e produção de existência através do cuidado são as dimensões epistemológicas do cuidado.

### **Dimensão epistemológica do cuidado**

As práticas das nossas mães e avós enquanto mulheres que cuidam constituem saberes que foram sendo transmitidos de geração em geração sob a forma de receitas de cozinha, protocolos de segurança infantil e geriátrica, aconselhamento, mediação de conflitos, aproveitamento e conservação de alimentos, pedagogias de ensino da língua materna, pedagogias de socialização primária, a salubridade, organizar e gerir a casa e o orçamento da família, acompanhamento emocional, criação de animais, produção agrícola de alimentos, conhecimentos medicinais e terapêuticos, entre muitos outros que poderíamos aqui mencionar.

O heteropatriarcado não só expulsou estes trabalhos do cuidado, enquanto produção incessante de vida, da economia monetária como também expulsou da ciência e dos cânones científicos todos estes conhecimentos e competências imaginados, construídos e transmitidos a partir das experiências diversas de muitas mulheres do mundo. O desprezo a que foram votados os conhecimentos gerados pelo cuidado, ridicularizando-os e remetendo-os para 'coisas de mulheres' tem permitido criar uma hierarquia epistemológica que acompanha a desvalorização social vital do cuidado tanto na sua dimensão social quanto ontológica.

O cuidado significa uma força poderosa para contrariar a ocupação epistemológica social e ontológica das pessoas, comunidades e territórios, por tecnologias não-conviviais. Em linha com Leonardo Boff, pensamos que o cuidado, em qualquer das suas dimensões é uma realidade *fontal e originária* sem a qual ser, existir, resistir e porvir seria impossível.

**Referências e sugestões adicionais de leituras:**

Cornell, Drucilla. (2009), "uBuntu, Pluralism and the Responsibility of Legal Academics to the New South Africa", *Law Critique*, 20, 43-58.

Guerrero Arias, Patricio (2010), "Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte)", *Calle14: Revista de investigación en el campo del arte*, 4(5), 80-94.

Herrero, Yayo; Pascual, Marta; González, María (2018), *La vida en el centro: Voces y relatos ecofeministas*. Madrid: Libros en Acción.

Orozco, Amaia Perez (2017), *Subversión feminista de la economía. Aportes para un debate sobre el conflicto capital-vida*. Madrid: Traficantes de Sueños. [3.ª ed.]

**Teresa Cunha** é investigadora sénior do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É doutorada em Sociologia pela Universidade de Coimbra e professora-adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Superior Politécnico de Coimbra. Investigadora associada do CODESRIA e do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique.

**Luísa de Pinho Valle** é doutoranda em Democracia no Século XXI, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É graduada em direito (USU/RJ-Brasil), mestra em direito (UnB-Brasil) e em ciências sociais e jurídicas (UPO-Espanha).

**Cristina del Villar-Toribio** é doutoranda em Psicologia na Universidade de Sevilha. É graduada em Psicologia pela mesma instituição e mestra em Migrações Internacionais, Saúde e Bem-estar social.

**Como citar**

Cunha, Teresa; Valle, Luísa de Pinho; Villar-Toribio, Cristina del (2019), "Cuidado", *Dicionário Alice*. Consultado a 27.05.19, em [https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id\\_lingua=1&entry=25288](https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=25288). ISBN: 978-989-8847-08-9

